

CAPÍTULO 8

ARQUITETURA BRASILEIRA E ENSINO: ANÁLISE DA OBRA DE EDGAR GRAEFF NO ACERVO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.633142426128>

Data de aceite: 14/01/2025

Wilton de Araujo Medeiros

RESUMO: O texto se baseia na pesquisa que tem como princípio investigar e compreender melhor, lacunas soltas às vezes, o impacto da teorização do pensamento de Edgar Graeff na arquitetura brasileira e no ensino. Um dos possíveis recortes de análise, incide especificamente sobre o acervo da revista *Projeto* – pertencente ao curso de arquitetura e urbanismo da UEG. Neste acervo, o objetivo geral da pesquisa, é: historicizar, na análise de parte de sua obra publicada na revista *Projeto*, de que modo ocorre as interrelações entre ensino e formação do campo da arquitetura no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, teoria da arquitetura, crítica, sociedade

BRAZILIAN ARCHITECTURE AND TEACHING: ANALYSIS OF EDGAR GRAEFF'S WORK IN THE ARCHITECTURE AND URBANISM COURSE COLLECTION OF THE STATE UNIVERSITY OF GOIÁS

ABSTRACT: The text is based on research that has as its principle to investigate and better understand, sometimes loose gaps, the impact of the theorization of Edgar Graeff's thought on Brazilian architecture and teaching. One of the possible excerpts of analysis focuses specifically on the collection of *Projeto* magazine – belonging to the architecture and urbanism course at UEG. In this collection, the general objective of the research is: to historicize, in the analysis of part of his work published in the *Projeto* magazine, how the interrelations between teaching and training in the field of architecture in Brazil occur.

KEYWORDS: teaching, theory of architecture, criticism, society

INTRODUÇÃO

Edgar A. Graeff, nascido em Carazinho (RS) em 1921, formou-se em 1947 aos 26 anos pela FNA (Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil). Um ano após concluída a graduação, ao mesmo tempo em que cursa pós-graduação em Urbanismo no IARGS (Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul), inicia também no mesmo local atividade docente, onde leciona até 1961, incluso o período o período de federalização da Universidade do Rio Grande do Sul, em 1952.

Durante esses oito anos decorridos de atividades acadêmicas na URG, concluiu doutorado, com a tese intitulada *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*, onde também assumiu por concurso a cátedra de Teoria da Arquitetura. A partir de sua atuação nessa universidade, Graeff foi consolidado como professor, pesquisador e crítico de arquitetura, tendo reconhecimento em âmbito nacional.

Desde a época em que era estudante, Graeff havia se notabilizado como articulista, publicando textos em diversos jornais, e essa atividade certamente contribuiu como um importante teórico, tendo em vista que se tornou um professor, crítico e teórico de destaque e de renome, no âmbito da universidade brasileira. Em boa medida, isso ocorreu, porque transformava o seu ofício na docência arquitetônica, como base de uma educação dialógica, para a educação brasileira como um todo.

Não por acaso, a sua trajetória profissional veio a ser marcada por essa horizontalidade dialógica com os estudantes, a qual denominamos alhures de uma “ética outra” (MEDEIROS 2018), a qual subsidiou inúmeros produtos de sua atividade docente no campo da arquitetura e urbanismo. E, para além disso, contribuindo com a construção a universidade no Brasil, como um todo.

Um dos aspectos que marcam essa denominada “horizontalidade dialógica”, é precisamente a sua atividade de articulista em revistas e jornais, como por exemplo, a que iremos pontuar a respeito das revistas *Projeto* pertencentes ao acervo do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Porque através desses meios de divulgação de seu pensamento arquitetônico, conseguia expressar os seus conteúdos sobre ensino de arquitetura e urbanismo, para além da sala de aula.

MARCANTE TRAJETÓRIA APÓS 1962

Tendo se mudado para Brasília em 1962, sob grande influência de Oscar Niemeyer e Darcy Ribeiro, fez parte da esquipe que criou o curso de arquitetura da UnB. Nesta universidade pôde atuar por apenas dois anos, porque em 1964, tornou-se um dentre tantos professores universitários que sofreram a cassação pelo governo dos militares. Isso acarretou a perda da cátedra, e a aposentadoria compulsória da URG.

Porém, após dez anos proibido de lecionar, Graeff retornou às suas atividades acadêmicas, desta vez como docente da Universidade Católica de Goiás (UCG). Na UCG, Graeff desempenhou um papel importante, não somente no Departamento de Artes e Arquitetura. As experiências e proposições que efetivou, foram significativos contributos quanto ao ensino de arquitetura no contexto nacional, já que concomitantemente passou a atuar também na Secretaria de Ensino Superior (SESU) do MEC.

A partir de sua atuação na UCG, Graeff contribuiu com a reformulação de ensino de arquitetura no Brasil, com a reformulação do currículo do curso de arquitetura e urbanismo, sendo o primeiro curso no Estado de Goiás a capacitar profissionais para o mercado de trabalho, articulando ensino e formação do/no campo de atuação profissional.

Nessas três passagens por importantes e distintas instituições acadêmicas brasileiras, Graeff construiu vivências que foram basilares para a construção do seu pensamento arquitetônico, que concomitantemente irá também distinguir-se em três fases, as quais sempre têm como eixo articulador a interrelação entre duas formas de atuação do arquiteto e urbanista: ensino de arquitetura e atuação profissional do arquiteto.

TRÊS FASES DE PENSAMENTO DE EDGAR GRAEFF E A INSERÇÃO DA REVISTA PROJETO

Essas três fases também demarcam a classificação de suas publicações como pertencentes a três períodos: de 1947 a 1964; de 1964 a 1974; de 1974 a 1990. A pesquisa sobre os seus textos publicados na revista *Projeto*, insere-se no terceiro arco temporal. Dizemos assim, para assinalar que não seria possível compreender essa trajetória intelectual, sem que se perceba que esses três períodos como não homogêneos.

Com isso, podemos também dizer, que seria anacrônico, delinejar o pensamento arquitetônico brasileiro como linear e teleológico sobretudo quando correlacionados ensino e formação do campo de atuação profissional.

Para além disso, é importante também ressaltar, que esse terceiro arco temporal mostra que nos períodos que antecedem a 1974, havia relação fortemente lacunar entre os processos de projeto as teorias da arquitetura. E que isso na verdade, reproduzia o modo lacunar como se configurava o campo da arquitetura no Brasil. Não coincidentemente, é neste terceiro arco que se consolida a noosfera da arquitetura, atualmente vigente no Brasil.

Porque a atividade de ensino ocupava uma posição periférica, em relação às atividades autorais dos arquitetos brasileiros, ou dos escritórios de arquitetura no Brasil. Com isso, podemos inferir sobre a importância da revista *Projeto*, tanto como veículo de horizontalidade dialógica referente ao pensamento de Edgar Graeff, quanto também como parte pertinente dessa noosfera que veio a se consolidar até o tempo presente.

Referente a esse aspecto lacunar do ensino, é que a ideia força da teoria desenvolvida por Graeff consubstancia-se no conceito de “integração”. Assim sendo, nas duas fases que antecedem a 1979, é a noção de “integração” que permeia o intuito de sistematização de uma teoria da arquitetura. Nesta Graeff trata de delinejar porque a composição prevalece em maior nível de importância na arquitetura (MEDEIROS 2015).

É exatamente esse arco temporal que vai do retorno às suas atividades docentes em 1974 baté o ano de sua morte (1990), que fica registrado nas publicações na revista *Projeto*. Assim, de modo geral, podemos classificar as suas publicações como pertencentes a três períodos que demarcam a sua trajetória: de 1947 a 1964; de 1964 a 1974; de 1974 a 1990. Portanto, o acervo a ser pesquisado refere-se a esse último período.



Figuras 1: dez edições da revista *Projeto*, contendo conteúdos referentes à obra de Edgar Graeff, publicadas entre 1974 e 1990

UM OLHAR SOBRE A REVISTA PROJETO: DISCUSSÕES POSSÍVEIS QUANTO A OBRA DE EDGAR GRAEFF

A revista *Projeto* foi fundada em um contexto em que a arquitetura moderna estava consolidada no Brasil, mas também começavam a surgir críticas sobre suas limitações e os problemas que a modernidade urbana impunha. Durante esse período, o Brasil vivia um regime militar, e as transformações urbanas se intensificavam. Muitas vezes sem uma consideração adequada sobre as necessidades sociais e da qualidade de vida das populações mais pobres.

Ou seja, o contexto sócio-político era transferido para o processo formativo e de ensino, que era acrítico, contrastando visceralmente com o computo geral do pensamento de Edgar Graeff que era fundamentalmente crítico. Por isso que podemos dizer, que os textos de Graeff tinham um enfoque tanto analítico quanto propositivo. Não se tratava de conteúdos laudatórios tampouco ufanistas.

Desse modo, buscava ampliar as discussões sobre arquitetura, problematizando-a com questões relacionadas ao planejamento urbano, aos problemas sociais e a relação da cidade com seus habitantes. Portanto, não restringia os aspectos técnicos da arquitetura, os diluía em reflexividade, situando a atuação profissional no contexto das transformações urbanas, e políticas públicas na construção das cidades.

METODOLOGIA

Na pesquisa feita no acervo estudado, os objetivos específicos, foram analisar a contribuição de Edgar Graeff em dois números da referida revista: edições 66 e 88.

Além de catalogar o material identificado e arquivar, no sentido de conseguilos acessar facilmente para futuras consultas, a pesquisa propôs analisar, por meio de comparações, o conteúdo dos textos publicados pela revista com os publicados anteriormente a 1986 e posteriormente a 1988, já que essas datas demarcam um antes e depois da atual constituição brasileira, e o fim da ditadura dos militares no Brasil.

Com isso, avaliar a contribuição oferecida por Graeff nestes textos, no que tange a reconfiguração da arquitetura no Brasil.



Figuras 2: Capas das edições de número 66 e 88 da revista Projeto, publicadas em 1986 e 1988, respectivamente.

Inicialmente, o registro dos conteúdos das edições N° 66 e 88 da revista *Projeto* foram organizados em formato de fichamento, pelo qual, visou-se facilitar o manuseio dos documentos e a ordenação de temáticas. Otimizando com isso o processo de organização e concatenação dos conceitos e discussões apresentados. Em sequência, separou-se os conteúdos pertinentes ao tema de pesquisa.

Em paralelo, foram feitas também seleções de outros documentos contendo importantes contributos formar o encadeamento de análise documental referente ao contexto estudado. Esses documentos foram digitalizados e foi feita a digitalização completa dos números 66 e 88, e não apenas as partes referentes a Graeff, para análises mais abrangentes de seus conteúdos, a respeito da análise histórica do contexto da arquitetura brasileira até o início da década de noventa.

Em sequência, foram sintetizados e apresentados os conteúdos investigados, visando encaminhar o encadeamento narrativo destes, com a pesquisa como um todo. Com isso, objetivamos dar continuidade a estudos anteriores similares, cuja metodologia situa-se no trato com as fontes, a partir das quais, delineia-se o método histórico. Neste caso, sendo concatenados subtemas trabalhados em Planos de Trabalho individuais por Iniciação Científica, de onde se obtém a estrutura de conteúdos a serem analisados.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RECORTES DE PESQUISA

A contribuição de Edgar Graeff na *Projeto 66* é especialmente relevante no contexto da reflexão crítica sobre a arquitetura brasileira durante as décadas de 1970 e 1980. A edição foi publicada em 1982 e representa um momento de forte reflexão sobre os rumos da arquitetura moderna no Brasil, as tensões entre a prática arquitetônica e os desafios urbanos e sociais, além das transformações políticas e culturais no país, que estavam em pleno processo de redemocratização.

A publicação ocorreu em um período de transição para o país, já que a ditadura militar estava em declínio e o Brasil começava a buscar novos caminhos para sua arquitetura e urbanismo, tentando lidar com problemas urbanos como a verticalização desenfreada, a falta de infraestrutura e as questões de segregação social.

A Edição N° 88 da revista *Projeto* foi publicada em 1988, e nela Edgar Graeff contribuiu com sua análise e visão crítica sobre a arquitetura e a cidade no Brasil. Esse período foi de transição para o país, com a redemocratização e uma crescente reflexão sobre o papel da arquitetura na sociedade, em especial sobre os impactos das transformações urbanas que estavam ocorrendo no contexto pós-ditadura.

Na *Projeto 88*, Graeff discutiu temas como a relação da arquitetura com a sociedade, os desafios urbanos e o papel do arquiteto como agente transformador no contexto social e político. Ele continuava com suas críticas ao modelo modernista e defendia uma arquitetura mais atenta às necessidades reais das cidades brasileiras, especialmente no que se refere ao desenvolvimento urbano e à inclusão social.

Nas Edições 66 e 88 da Revista *Projeto*, Edgar Graeff teve grande impacto na colaboração de escritos através da abordagem de temas diversos como: a) Crítica à Arquitetura Moderna; b) Urbanismo e cidades brasileiras; c) A arquitetura como prática socialmente comprometida; d) A formação do arquiteto; e) Pesquisa e inovação na arquitetura. A obra de Edgar Graeff nas edições *Projeto 66* e *Projeto 88* reflete sua evolução de um crítico da arquitetura modernista e do urbanismo desordenado para um defensor de uma arquitetura socialmente responsável, profundamente envolvida com as transformações urbanas e sociais do Brasil.

Nas Edições 66 e 88 da revista *Projeto*, Edgar Graeff teve grande impacto na colaboração de escritos através da abordagem de temas diversos como:

- a) Crítica à Arquitetura Moderna;
- b) Urbanismo e cidades brasileiras;
- c) A arquitetura como prática socialmente comprometida;
- d) A formação do arquiteto;
- e) Pesquisa e inovação na arquitetura.

A obra de Edgar Graeff nas edições *Projeto 66* e *Projeto 88* reflete o robustecimento de um crítico da arquitetura intrínseca ao urbanismo desordenado, para um defensor de uma arquitetura socialmente responsável, profundamente envolvida com as transformações urbanas e sociais do Brasil. Porque muito embora a ideia de integração seja um amálgama de todas as três fases do pensamento de Graeff, é nessa terceira fase que ela se torna mais robusta.

ASPECTOS	PROJETO 66 (1982)	PROJETO 88 (1988)
Contexto político e social	Ditadura Militar, opressão política e crise econômica	Redemocratização, novas perspectivas políticas e sociais
Crítica ao Modernismo	Questionamento sobre a insensibilidade do Modernismo às realidades sociais	Continuação da crítica ao Modernismo, mas com foco maior na arquitetura como ferramenta de inclusão social
Foco na Arquitetura e Urbanismo	Crítica ao urbanismo desordenado e à arquitetura sem contexto social	Arquitetura como agente de mudança social, com ênfase na justiça urbana e habitação popular
Ensino de Arquitetura	Crítica ao ensino técnico e descontextualizado da arquitetura	Defende uma formação mais crítica e voltada à responsabilidade social
Visão de Arquitetura	Arquitetura como prática técnica e estética, mas distanciada da realidade social	Arquitetura como prática socialmente responsável e crítica, voltada à transformação urbana e à justiça social

Quadro: organização temática dos conteúdos da obra de Edgar Graeff nas revistas *Projeto* de edições n. 66 e 88

Esse robustecimento crítico e teórico na terceira fase da sua prática de “horizontalidade dialógica”, a qual também é outro amálgama que permeia toda a sua obra e pensamento, mas que neste momento ganha especial destaque porque a sua prática argumentativa passa a transigir da crítica ao formalismo e suas contribuições para o processo composicional, para o processo composicional propriamente integrativo, porque passa a integrar práticas de ensino com práticas sociais.

Desse peculiar exercício da prática da crítica como prática social e vice versa, é que resulta o surgimento do início do que provavelmente seria a quarta fase de seu pensamento, qual seja, as interrelações entre cultura e arquitetura. Pelo que se depreende de seu último texto publicado *post mortem* na revista *Projeto*, em 1990, sobre os quais é válido tecer sumárias considerações.

UM ADENDO E SUMÁRIAS CONSIDERAÇÕES AO RECORTE DE PESQUISA: EDIÇÃO 35

Conforme disse Graeff à revista *Projeto* (Edição 35 – outubro/90), a pesquisa que fez sobre arquitetura popular, no período em que trabalhava na UCG, foi o ponto de partida para o que denominou de “cultura de morar”. Se a chamada “horizontalidade dialógica” servia para as correlações integrativas entre práticas sociais e práticas de projeto arquitetônico, e isto subsumia em ensino de arquitetura e campo de atuação profissional, inclusive o ensino como prática arquitetônica também, nas atividades de pesquisa, Graeff convergia a sua estrutura de pensamento para o estudo sobre a cultura popular.

Graeff havia iniciado as suas atividades de pesquisa, tendo como objeto a cultura popular, durante os dois anos que ajudou a fundar o curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UnB, sendo inclusive professor e coordenador da Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo desta instituição. Com a precoce interrupção de suas atividades, um de seus orientandos, Günter Weimer, veio a se tornar um dos primeiros autores a publicar esta temática como um objeto epistemológico de conhecimento.

Porém, quanto retoma as suas atividades acadêmicas na UCG, Graeff retoma o seu objeto propriamente de pesquisa, qual seja, a arquitetura popular. A isso, que foi publicado na edição 35 da revista *Projeto*, podemos chamar de escopo para uma abordagem cultural da arquitetura. O que foi publicado nesta edição 35, denota uma inflexão em relação à teoria da arquitetura centrada no processo composicional, passando a incluir neste, uma dimensão retórica, com a qual se tem a arquitetura como “expressão ampliada da cultura” – cultura de morar (MEDEIROS 2014).

No seu livro que não viu ser publicado, denominado *Por um conceito atualizado de arquitetura: revolução social e revolução arquitetônica*. A página 170, diz:

esse processo social conduz ao que se pode caracterizar como uma cultura de morar. O espaço habitado, portanto, abriga pessoas dotadas de determinada cultura de morar, cultura de caráter social que condiciona e, não raro, determina necessidades e aspirações que se transformam em exigências programáticas para a realização de obras de arquitetura. (GRAEFF, 2023).

Este livro publicado em 2023 pelo CAU/RS, é uma atualização de sua tese de doutorado e de cátedra originalmente defendida e publicada no ano de 1961 na URGs. E a sua atuação como docente e pesquisador na antiga UCG, cujos conteúdos foram publicados em exercícios de “horizontalidade dialógica”, que era a essência de sua ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Graeff, a formação do arquiteto não deveria ser apenas um processo técnico, mas também um processo de conscientização política e social, e, por fim, cultural. Graeff também apontava a necessidade de que as escolas de arquitetura promovessem uma maior aproximação entre teoria e prática, desafiando os alunos a repensar suas abordagens em relação à habitação, à mobilidade, ao urbanismo e ao espaço público.

Essa visão integradora buscava preparar os estudantes para serem profissionais críticos e conscientes da sua responsabilidade social. A principal diferença entre a *Projeto 66* e a *Projeto 88* reflete a mudança do contexto político e social do Brasil entre esses dois períodos. Em 1982, a crítica ao modernismo e o questionamento da arquitetura modernista porque centrada na noção de “prestígio”, eram os principais focos, além da necessidade de uma formação arquitetônica mais crítica e conectada com a realidade social.

Já em 1988, após a redemocratização, a revista passou a adotar uma abordagem mais engajada e política, defendendo uma arquitetura que deveria ser mais responsável socialmente e capaz de responder aos desafios urbanos e sociais enfrentados pelo Brasil no pós-ditadura. Enquanto a revista *Projeto 66* foi um espaço de crítica técnica e reflexiva, a revista *Projeto 88* consolidou uma arquitetura mais voltada para a transformação social, com um olhar atento às questões de justiça social e participação popular.

Ambos os números são representações do papel da arquitetura como um campo não apenas técnico, mas também profundamente político e engajado com as questões sociais do Brasil. Essas duas edições da revista *Projeto* ilustram como Graeff acompanhou e influenciou o pensamento arquitetônico brasileiro em momentos de grande mudança social e política, sendo uma referência crítica e pedagógica para a arquitetura brasileira.

Através das análises, e leituras, foi possível observar e estabelecer as estritas relações entre os assuntos e temas abordados em ambas as edições propostas compreendendo as diferenças de cada época de publicação e as semelhanças das perspectivas apresentadas. Os textos estudados tratam da problemática exposta nesta pesquisa e ilustram a importância de Graeff para a Revista e para o período retratado em seus escritos.

REFERÊNCIAS

GRAEFF, Edgar. Proposta de reformulação de conteúdos e metodologias. Goiânia: Curso de arquitetura e urbanismo / Universidade Católica de Goiás, 1975. In Arquitetura brasileira após Brasília/Depoimentos. Rio de Janeiro: Edição do IAB/RJ, 1978.

_____. Edifício. São Paulo: Editora Projeto Associados Ltda. 1979.

_____. Os novos caminhos do ensino de arquitetura na Católica de Goiás. In Revista Projeto nº 54, ano 1983, Págs. 40 a 47.

_____. Área da arquitetura no universo do conhecimento. In Revista Projeto nº 88, ano 1986, págs 75 a 76.

_____. Arte e técnica na formação do arquiteto. São Paulo: Studio Nobel: Fundação Vilanova Artigas, 1995;

_____. Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

_____. Por um conceito atualizado de arquitetura: revolução social e revolução arquitetônica. Consulto: Paulo Bicca. Porto Alegre: CAU/RS, 2023.

MEDEIROS, Wilton. _____. Arquitetura e ética “outra” como sentido da obra de Edgar Graeff. Pixo: Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade. V. 2; Nº 6. Pelotas: UFPEL, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/14644>.

_____. O escrito e o vivido da arquitetura brasileira vista por Edgar Graeff e Miguel Pereira sob os fantasmas do prestígio e da mediocridade. In Desconjuro Moderno / Org. FUÃO, F. F. (Coleção Derrida: espectralidades e fantasmagorias na arquitetura. Volume 5). Porto Alegre: UFRGS, 2019.

_____. Edgar Graeff e o ensino de arquitetura: o processo composicional como conhecimento. Anais do 7º Projetar. Natal: UFRN, 2015 <http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/2128/1/P231.pdf> _____. Discursos do urbanismo em Goiânia: da instrumentalização política ao surgimento de um campo profissional específico. XIII SHCU. Brasilia: UnB. Disponível em <https://shcu2014.com.br/discurso%20profissional/160.html>.

Revista Projeto. Edição 88 – junho de 1986. São Paulo.

_____. Edição 66 – agosto de 1984. São Paulo.